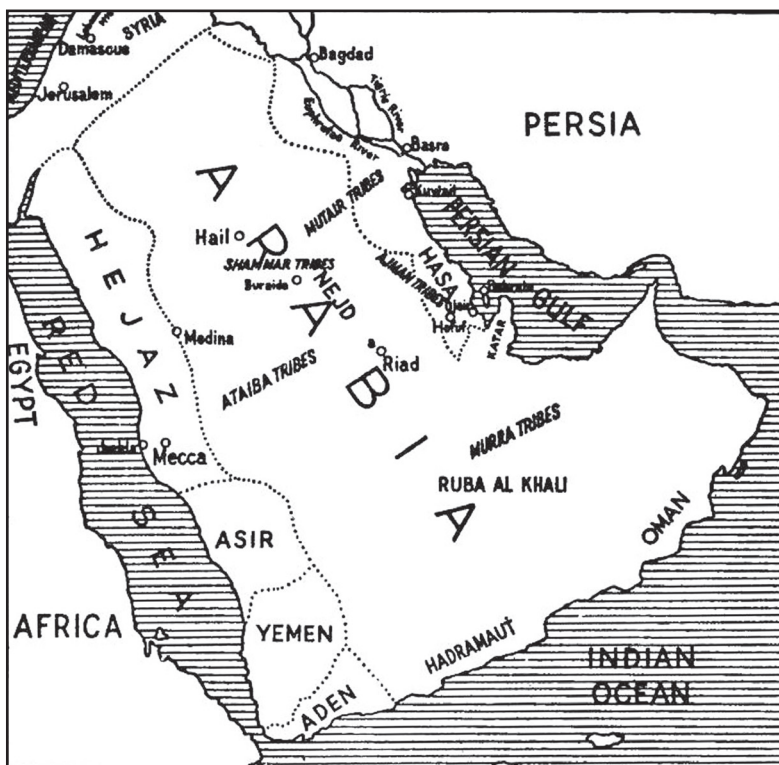


A Ciência da Guerra de Guerrilha

T. E. Lawrence



Mapa Arábia - 1900

Este estudo da ciência da guerra de guerrilha, ou guerra irregular, está baseado na experiência concreta da revolta árabe contra os turcos em 1916–1918. Mas o exemplo histórico adquire valor, por sua vez, pelo fato de que seu curso foi orientado pela aplicação prática das teorias aqui descritas.

A revolta árabe começou em junho de 1916, com um ataque dos mal armados e inexperientes grupos tribais contra as guarnições turcas em Medina e arredores de Meca. Enfrentaram-se sem êxito, e após alguns dias de esforço retiraram-se para fora do raio de alcance do fogo inimigo e começaram um bloqueio. Este método forçou a rendição prematura de Meca, o mais remoto

dos dois centros. Por outro lado, Medina, que estava ligada por ferrovia com o grosso do exército turco na Síria, pôde reforçar rapidamente as suas guarnições. Com isso, as forças árabes recuaram gradualmente e tomaram posição do outro lado da estrada principal para Meca.

Neste ponto a campanha ficou parada por muitas semanas. Os turcos, que preparavam uma força expedicionária para enviar a Meca, com a intenção de esmagar a revolta em sua origem, deslocaram por ferrovia um corpo de exército¹ para Medina. Dali, começaram a avançar pela principal estrada ocidental que une Medina a Meca, percorrendo uma distância de cerca de 250 milhas. As primeiras cinquenta milhas foram fáceis, mas então tiveram que atravessar um cinturão de colinas de vinte milhas de largura, onde os árabes das tribos de Feisal² estavam posicionados na defensiva: próximo a um patamar³ de setenta milhas ao longo da planície costeira de Rabegh, situada a um pouco mais da metade do caminho. Rabegh é um pequeno porto no Mar Vermelho, com bom ancoradouro para navios, e por causa de sua localização era considerada como a chave para Meca. Nesta cidade estava Sherif Ali, irmão mais velho de Feisal com mais forças tribais — o começo de um exército regular árabe formado por oficiais e homens de sangue árabe, que haviam servido no exército turco. Como não podia deixar de ser, considerando as linhas gerais do pensamento militar desde Napoleão, os exércitos de todos os países tinham em vista apenas os soldados regulares para vencer a guerra. A opinião militar era obcecada pelo *dictum* de Foch⁴, segundo o qual a ética da guerra moderna consiste em conquistar o exército inimigo, seu centro de poder, e destruí-lo na batalha. Os irregulares, ao serem incapazes de atacar posições, não eram considerados relevantes na hora de se forçar uma decisão.

Enquanto os regulares árabes ainda estavam sendo treinados, os turcos, de repente, começaram a avançar sobre Meca. Atravessaram as colinas em 24 horas e assim provaram o segundo teorema da guerra irregular, ou seja, que as tropas irregulares são tão inábeis para defender um ponto ou linha⁵ quanto o são para atacá-los. Esta lição foi recebida duramente, pois o êxito turco colocou a força de Rabegh em uma posição crítica: incapaz de repelir o ataque de apenas um batalhão, que dirá de um corpo de exército.

1 Um corpo de exército constitui uma unidade militar de armas combatentes e serviços de apoio, totalizando um efetivo entre 20 e 80 mil combatentes. In: Freitas e Menezes, S. de; Albuquerque, A. Moreira da Silva, M. et al. *Dicionário de Termos Militares do Exército*. DicMil. [eletrônico]. Centro de Investigação da Academia Militar e Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, s/d.

2 Faisal bin Hussein bin Ali al-Hashemi [1885–1933]. Terceiro filho de Hussein bin Ali, Sharif de Mecca, Faisal nasceu em Ta'if (atual Arabia Saudita). Com a ajuda de Lawrence, e apoiado pelo exército britânico, Faisal organizou a revolta árabe contra o Império Otomano. Em 1920 foi declarado rei encerrando o califado na Arabia Saudita.

3 Unidade geomorfológica. São formas planas ou onduladas que constituem superfícies intermediárias ou degraus entre áreas de relevo mais elevado e áreas mais baixas. No caso em questão entre a linha das colinas e a linha costeira.

4 Ferdinand Foch [1851–1929] foi um militar francês, herói de guerra, teórico militar, e creditado como possuindo “a mente mais original e sutil no exército francês” em todo século XX. Serviu como general durante a Primeira Grande Guerra o que lhe rendeu o título de marechal em 1918.

5 A estratégia militar geométrica designa “ponto” como ponto crítico ou decisivo para uma guerra, e “linha” como linha de manobra.

Nessa situação ocorreu a este autor que, talvez, a virtude dos irregulares estivesse na profundidade e não na superfície, e que teria sido a ameaça do ataque sobre o flanco turco do norte que fizera o inimigo hesitar por tanto tempo. O flanco turco atual estendia-se desde sua linha de frente até Medina, numa distância de cerca de cinquenta milhas: todavia, se a força árabe se movesse em direção à estrada de ferro do Hejaz⁶, atrás de Medina, potencialmente poderia estender sua ameaça tão longe quanto Damasco, oitocentas milhas ao norte e, conseqüentemente, estender o flanco⁷ do inimigo. Tal movimento forçaria os turcos para a defensiva, e a força árabe poderia retomar a iniciativa. De qualquer forma, parecia ser essa a única chance, e assim, em janeiro de 1917, os homens de Feisal viraram as costas para Meca, Rabegh e para os turcos, e marcharam duzentas milhas ao norte até Wejh.



Ferrovia Hejaz, 1914

⁶ Ferrovia que atravessa a região do Hejaz ligando Medina, ao sul, a Damasco, ao norte.

⁷ Termo militar. Parte lateral de uma posição ou de uma tropa formada em profundidade.

Este movimento excêntrico agiu como um feitiço. Os árabes nada fizeram de concreto, mas a sua marcha trouxe os turcos (que estavam quase em Rabegh) por todo o caminho de volta para Medina, onde, metade da força turca se entrincheirou ao redor da cidade, posição que ocupou até depois do armistício. A outra metade foi distribuída ao longo da ferrovia para defendê-la contra a ameaça árabe. Durante o resto da guerra os turcos ficaram na defensiva e os grupos tribais árabes ganharam vantagem após vantagem até que, quando veio a paz, eles haviam feito 35 mil prisioneiros, matado, ferido e desgastado outros tantos, e haviam ocupado cem mil milhas quadradas de território inimigo, com poucas baixas próprias. No entanto, ainda que Wejh acabasse se tornando o momento decisivo, sua importância ainda não era compreendida. Até então, ir naquela direção era considerado apenas um movimento preparatório para cortar a ferrovia a fim de tomar Medina, o quartel-general turco e a guarnição principal.

Estratégia e Tática

Todavia, infelizmente este autor estava encarregado da campanha tanto quanto desejava, e sem um treinamento no comando procurava encontrar uma equação imediata entre o estudo do passado da teoria militar e os movimentos do presente – como um guia e uma base intelectual para a ação futura. Os livros didáticos definiam como objetivo na guerra “a destruição das forças organizadas do inimigo” pelo “método único da batalha.” A vitória só poderia ser comprada com sangue. Este era um discurso difícil, pois os árabes não tinham forças organizadas, e assim um Foch turco não teria nenhum alvo e, ao mesmo tempo, os árabes não suportariam baixas, de modo que um Clausewitz⁸ árabe não poderia comprar a sua vitória. Esses homens sábios pareciam falar por meio de metáforas, pois os árabes estavam indubitavelmente ganhando sua guerra... e reflexões mais aprofundadas deduziram que eles de fato ganharam. Ocupavam 99% do Hejaz. Os turcos que ficassem com a fração restante, até que a paz ou o juízo final lhes mostrassem a futilidade de permanecer segurando a vidraça da janela. Esta parte da guerra tinha acabado; então por que se preocupar com Medina? Os turcos sentavam-se imóveis na defensiva, alimentando-se com os animais de transporte, que deveriam servir para levá-los a Meca, mas para os quais não havia pasto em suas linhas já restritas. Lá, eram inofensivos: agora, se fossem feitos prisioneiros, envolveriam o custo dos alimentos e dos guardas no Egito, se expulsos ao norte, para a Síria, iriam se juntar ao exército principal, bloqueando os britânicos no Sinai. De todas as perspectivas eles estavam melhor onde estavam, valorizavam Medina e queriam mantê-la. Que os deixassem lá!

⁸ Carl von Clausewitz [1780–1831] um dos maiores teóricos da estratégia, fundamentou a ação militar a partir da sua experiência de combate contra os exércitos da França napoleônica. Autor de *Da Guerra (Vom Kriege – 1832)*, que tornou-se um dos mais respeitados clássicos de estratégia militar e de grande influência na literatura moderna do tema, permanecendo assim como um objeto de estudo em diversas academias militares até os dias de hoje. Ficou conhecida a frase em que ele define a associação entre guerra e política: “A guerra é a continuação da política por outros meios”.

Isto pareceu o contrário do ritual de guerra do qual Foch tinha sido sacerdote, de onde se deduz que havia uma diferença de tipo. Foch chamava sua guerra moderna de “absoluta”. E duas nações sustentando filosofias incompatíveis se determinaram a julgá-las prová-las à luz da força. Uma luta de dois princípios imateriais só poderia terminar quando os partidários de um deles não tivessem mais meios de resistência. Frente a uma opinião pode-se discutir, mas diante uma convicção é melhor atirar. O fim lógico de uma guerra de credos é a aniquilação de um deles, como descrito no livro *Salammbô*⁹. Estas foram as razões de luta entre a França e a Alemanha, mas talvez, não tenham sido as mesmas entre a Alemanha e a Inglaterra. Todos os esforços para fazer o soldado britânico odiar o inimigo, fizeram simplesmente com que ele odiasse a guerra. Assim, a “guerra absoluta” parecia apenas uma variação de guerra, e ao seu lado outros tipos poderiam ser discernidos, como Clausewitz tinha numerado: guerras pessoais por razões dinásticas, guerras de expulsão por razões partidárias, guerras de propaganda por razões comerciais.

Os árabes perseguiram um objetivo indubitavelmente geográfico, o de ocupar todas as terras de língua árabe na Ásia. Ao levar esse propósito adiante, era possível que turcos tivessem de morrer, mas “matar turcos” não seria uma desculpa nem um objetivo. Se os turcos se retirassem em paz a guerra terminaria. Se não, eles seriam forçados, mas ao menor preço possível, já que os árabes estavam lutando pela liberdade, um prazer que só pode ser experimentado por um homem vivo. A tarefa seguinte era analisar o processo tanto do ponto de vista da estratégia, do objetivo bélico, do olhar sinóptico, que tudo vê sob o prisma da totalidade, quanto do ponto de vista da tática, os meios para se alcançar o fim estratégico, os degraus de sua escadaria. Em cada um encontravam-se os mesmos elementos, um algébrico, outro biológico e um terceiro, psicológico. O primeiro era como uma ciência pura, sujeito às leis da matemática, sem humanidade. Tratava-se de invariantes conhecidas, condições fixas, espaço e tempo, elementos inorgânicos como as colinas e o clima, as ferrovias — a humanidade considerada como uma massa sem singularidade, com todas as ajudas artificiais com as quais a invenção humana tem expandido as nossas faculdades. Absolutamente calculável.

No caso árabe o fator algébrico levava em conta, primeiro, a área a ser conquistada. Um cálculo eventual indicava talvez 140 mil milhas quadradas. Como os turcos poderiam defender tudo isso? — sem dúvida com uma linha de trincheiras, caso os árabes fossem um exército atacando frontalmente..., mas suponhamos que eles fossem apenas um tipo de influência, algo invulnerável, intangível, sem fronte nem retaguarda¹⁰, que se movesse à deriva como um gás? Exércitos são como as plantas, imóveis, completamente enraizados,

⁹ Romance histórico de Gustave Flaubert, publicado em 1862, sobre as primeiras Guerras Púnicas.

¹⁰ Frente: a linha de frente. Termo militar que designa a área na qual os exércitos estão engajados em conflito. Trata-se de uma fronteira armada entre duas forças opostas. Retaguarda: denominação genérica pela qual se designa a unidade menor (última companhia, fila ou esquadrão) de qualquer corpo de exército.

e nutridos por meio de hastes longas até o topo. Os árabes podiam ser um vapor, soprando onde quisessem. Um soldado regular talvez fosse inútil sem um alvo, possuindo somente o terreno em que pisa, e submetendo apenas o que pudesse ter sob a mira de seu rifle.

O próximo passo era estimar a quantidade de postos que os turcos precisariam para conter um ataque em profundidade, no qual a sedição levantaria sua cabeça em cada uma das cem mil milhas quadradas que ainda estivessem sem entrincheirar. Eles precisariam de um forte a cada quatro milhas quadradas, e cada um destes fortes não poderia ter menos de vinte homens. Os turcos precisariam de seiscentos mil homens para enfrentar o ódio reunido de todos os árabes locais. No entanto, tinham apenas cem mil homens disponíveis, de maneira que as vantagens nesta esfera estavam com os árabes, e o clima, as ferrovias, os desertos, as armas técnicas também podiam se articular aos seus interesses. O turco era estúpido e pensaria que a rebelião era absoluta, como a guerra, e reagiria de modo análogo a guerra absoluta.

Humanidade em Batalha

Já temos o bastante do elemento matemático. O segundo fator era biológico, o ponto de ruptura, vida e morte, ou melhor, o desgaste natural. Bionômico parecia ser um bom nome para este componente. Os filósofos da guerra haviam feito dele uma arte, e elevado um de seus atributos, “a efusão de sangue”, à altura de um princípio, uma lei, um preceito. Tornou-se humanidade em batalha, uma arte que toca cada nuance de nosso ser corpóreo. Havia uma linha de variabilidade (o homem) que atravessava todos os cálculos. Seus componentes eram sensíveis e ilógicos, e os generais protegiam a si mesmos recorrendo ao dispositivo da reserva¹¹, que era a essência da sua arte. Goltz¹² dizia que quando se conhece a força do inimigo, e ela já está completamente desdobrada¹³, então se sabe o suficiente para dispensar a reserva. Mas isso nunca acontece. Há sempre presente na mente do general a possibilidade de um acidente, de uma falha no material¹⁴ e a reserva é inconscientemente guardada para ser usada em caso de necessidade. Há um elemento “sensível” nas tropas que não se pode exprimir em números, e o melhor comandante é aquele cujas intuições estão mais próximas de se cumprirem. Nove décimos das táticas são aprendidas nos livros; mas o décimo irracional — martim-pescador que voa de um lado para o outro — é o desafio dos generais. Só pode ser alcançado por instinto, afiado pelo pensamento, o golpe ensaiado tantas vezes que na hora decisiva é tão natural como um reflexo.

11 Reserva. Termo militar que designa um grupo de soldados treinados que não está inicialmente comprometida, por seu comandante, com a batalha. A reserva pode ser tática ou estratégica. A decisão de como, quando e onde empregar a reserva é considerada uma das mais importantes decisões de comando.

12 Rüdiger von der Goltz [1865–1946]. General alemão exímio comandante de unidades de reserva que foram decisivas durante o confronto com as tropas soviéticas em 1918.

13 Termo militar. Fazer ocupar (tropa, batalhão, coluna etc.) a maior dimensão espacial possível, dispersando as fileiras e aumentando os pontos de atuação.

14 Termo militar. Material designa o conjunto de armamentos e petrechos militares.

Mas limitar a arte ao elemento humano parecia ser um estreitamento inapropriado. Deve se aplicar tanto aos materiais como aos organismos. No exército turco os materiais eram escassos e preciosos, havia mais homens que equipamento. Consequentemente, deveria-se começar a destruir não o exército, mas os materiais. A morte de uma ponte turca ou de uma ferrovia, máquina ou arma, ou explosivo era mais rentável que a morte de um turco. Naqueles dias, o exército árabe era, antes de tudo, extremamente cauteloso com homens e materiais: com homens, porque sendo irregulares não eram unidades, mas indivíduos; e uma vítima individual é como o seixo jogado na água: cada um faz apenas um buraco passageiro, mas a partir deles anéis de tristeza se alargam. O exército árabe não podia se permitir ter baixas. A questão do armamento causava menos problemas. Basicamente, era necessário tornar-se superior em algum aspecto, explosivos ou metralhadoras, que se pudesse considerar mais decisivo. Foch tinha formulado a máxima, aplicada aos homens, de que era preciso ser superior no momento crítico de ataque. O exército árabe poderia aplicar essa fórmula aos materiais e ser superior em armamentos no momento crucial.

Para homens e coisas, se poderia tentar dar à doutrina de Foch um lado negativo e retorcido, a baixo preço, e ser mais fraco do que o inimigo em todos os aspectos menos em um. A maioria das guerras é de contato, onde ambas as forças em luta procuram se manter ligadas uma a outra a fim de evitar dar margem a alguma armadilha tática. A guerra árabe era uma guerra de destacamento¹⁵: conter o inimigo mediante a ameaça silenciosa de um vasto deserto desconhecido, sem aparecer até o momento preciso de atacar. Este ataque deveria ser apenas nominal, e não dirigido contra os homens, mas contra os materiais: não deveria buscar a força principal do inimigo, ou suas fraquezas, mas o material mais acessível. Ao cortar uma ferrovia, escolhia-se um trecho vazio. Isso foi um êxito tático. A partir desta teoria se desenvolveu em último grau o hábito inconsciente de não entrar jamais em contato com o inimigo; isso ressoou com o forte apelo para nunca se oferecer um alvo ao oponente. Muitos turcos no fronte árabe não tiveram chance, durante toda a guerra, de disparar um único tiro e, por sua vez, os árabes nunca foram pegos na defensiva, exceto em ocasiões excepcionais. O corolário deste fundamento era possuir uma “inteligência”¹⁶ perfeita para que os planos pudessem ser executados com total segurança. O agente responsável pela inteligência deveria ser a cabeça do general (De Feuquièrre¹⁷ disse isso primeiro), e seu conhecimento tinha de ser perfeito, não deixando espaço para o acaso. O quartel-general do exército árabe talvez tenha se esforçado mais do que qualquer outro departamento de exército no cumprimento desse dever.

15 Unidade de ação militar que se separa do grosso das tropas.

16 Inteligência: serviço de informações. No inglês diz-se “Intelligence”: informação em relação a um inimigo ou região, ou ainda agência encarregada de obter tal informação.

17 Antoine de Pas, Marquês de Feuquièrre [1648–1711]. Marechal de campo autor de inúmeras máximas e anátemas de guerra, reunidas em seu livro de memórias, foi incansável em sua ênfase nas ofensivas de guerra que tinham na figura do comandante o pilar das ações. É referido por Voltaire em *O século de Luís XIV* como hábil inventor de fatos movido pelo prazer de destruí-los em seguida.

A multidão em ação

O terceiro fator no comando era o psicológico, essa ciência (Xenofonte chamou diatética¹⁸) de que a nossa propaganda não é senão uma parte suja e ignóbil. Trata-se da multidão, o ajuste do espírito até o ponto em que ele está pronto para se tornar ação. É o que considera o ânimo, a disposição dos homens, suas complexidades e mutabilidade, e o cultivo do que neles beneficia a intenção. O comando do exército árabe tinha de preparar as mentes dos seus homens para a batalha, de um modo tão meticuloso e formal, como o dos outros oficiais que preparavam os seus corpos: e não somente as mentes dos seus próprios homens, mas, na medida do possível, se colocava em ordem também a mente do inimigo, da nação que o apoiava por trás da linha de fogo, a mente da nação hostil à espera do veredito, dos neutros que apenas assistiam.

Era a ética na guerra, e a vitória no fronte árabe dependia principalmente do controle deste processo. A imprensa é a maior arma no arsenal do comandante moderno, e os comandantes do exército árabe, sendo amadores nessa arte, começaram sua guerra na atmosfera do século XX, e pensavam suas armas sem prejuízo, sem distingui-las socialmente. O oficial regular tem atrás de si a tradição de quarenta gerações de soldados, e para ele as armas antigas eram as mais honradas. O comando árabe poucas vezes tinha de se preocupar com o que os seus homens faziam, mas muitas vezes com o que eles pensavam, sendo a diatética, para ele, mais da metade do comando. Na Europa, esta questão era deixada um pouco de lado, sendo confiada a homens externos ao Gabinete do General, mas o exército árabe era tão fraco fisicamente que não poderia deixar a arma metafísica enferrujar por falta de uso. Ganhava uma província quando os civis eram ensinados a morrer pelo ideal de liberdade: a presença ou ausência do inimigo era uma questão secundária.

Estes raciocínios mostravam que a ideia de assaltar Medina, ou mesmo de sitiá-la até que se rendesse, não correspondia à melhor estratégia. Era mais interessante deixar que o inimigo ficasse em Medina, assim como em quaisquer outros lugares inofensivos, com quantos mais homens melhor. Se o inimigo mostrasse uma disposição para evacuar prontamente, como preparação para se concentrar em uma área pequena onde, com suas unidades¹⁹, pudesse dominar; então, o exército árabe teria de tentar restabelecer sua confiança, não brusca, mas paulatinamente, reduzindo seus investimentos contra ele. O ideal era manter a ferrovia funcionando minimamente, mas apenas minimamente, com o máximo de perda e desconforto.

O exército turco era um acontecimento acidental, não um alvo. Nosso verdadeiro alvo estratégico era encontrar o seu elo mais fraco e concentrar o ataque somente nele, apenas nele, até que o tempo derrubasse a peça²⁰. O exército árabe

18 Termo derivado de diátese designa tendência ou disposição moral. Em Xenofonte a diatética é inseparável da sábia administração dos recursos por meio do domínio das paixões.

19 Termo militar. Cada formação militar constituída para manobrar em conjunto.

20 Optou-se pelo termo "peça", utilizado na edição em espanhol [Ediciones Acurela, Madrid, 2008], por guardar maior afinidade com discurso militar em razão de sua referência ao jogo de xadrez.

precisava impor uma defesa passiva, o mais longa possível, aos turcos (sendo esta a forma mais cara de guerra), estendendo seu próprio fronte ao máximo. Em termos táticos, deveria desenvolver um tipo de força²¹ muito dinâmica e bem equipada, do menor tamanho possível, e utilizá-la sucessivamente em diversos pontos distribuídos ao longo da linha turca, para obrigá-los a reforçarem seus postos de ocupação além do mínimo econômico de vinte homens. O poder destes grupos não se media tendo em conta apenas a sua força. A proporção entre número e área determinava o caráter da guerra e, por terem cinco vezes a mobilidade dos turcos, os árabes podiam se equiparar a eles com um quinto do seu número.

Alcance sobre força

O êxito era certo e possível de ser garantido na ponta do lápis, assim que a proporção entre espaço e número fosse conhecida. O combate não era físico, mas moral, e, por sua vez, as batalhas eram um equívoco. Tudo o que se poderia ganhar em uma batalha era a munição que o inimigo disparasse. Napoleão dizia que era raro encontrar generais que quisessem entrar em batalha; mas a maldição de suas guerras é que elas poucas vezes fugiam desse destino. Napoleão reagiu raivosamente contra a *finesse* excessiva do século XVIII, quando os homens quase esqueceram que a guerra dava licença para matar. O pensamento militar posterior a Napoleão afastou-se desse *dictum* por cem anos: tinha chegado a hora de voltar atrás mais uma vez. Para o lado que se acredita mais fraco, as batalhas são imposições inevitáveis, seja por falta de espaço ou pela necessidade de defender uma propriedade material mais preciosa que as vidas dos soldados. Os árabes não tinham nada a perder; portanto não tinham nada a defender, e nenhum motivo para atirar. Seus trunfos eram a velocidade e o tempo, não o poder de impacto, e eles lhes deram força estratégica mais do que tática. O poder de alcance tem mais a ver com a estratégia do que com a força. A invenção da carne em conserva havia modificado a guerra terrestre mais profundamente do que a invenção da pólvora.

As autoridades militares britânicas não seguiram todos estes princípios, mas permitiram que fossem praticados e experimentados. Assim, as forças árabes saíram primeiro para Akaba, tomando-a facilmente. Depois tomaram Tafileh e o Mar Morto; em seguida Azrak e Deraa e, finalmente, Damasco, todas em sucessivas etapas estudadas conscientemente conforme essas teorias. O processo consistia em estabelecer uma escadaria de tribos que proporcionaria uma rota fácil e segura desde as bases litorâneas (Yenbo, Wejh ou Akaba) até as bases mais avançadas de operação que se encontravam, às vezes, a trezentas milhas de distância, em terras sem ferrovias nem estradas. Mesmo assim, era uma distância pequena para o exército árabe devido ao controle das cáfilas²² de camelos e à sua intimidade com o poder do deserto desolado e não-cartografado, que é todo o centro selvagem da Arábia, desde Meca até Alepo e Bagdá.

21 Termo militar: conjunto de recursos militares reunidos para um objetivo específico; destacamento de soldados, contingente.

22 Coletivo de camelo; ou ainda, caravana de mercadores, na África ou na Ásia, transportada em camelos.

O deserto e o mar

Essas operações tinham algo de guerra naval em sua mobilidade, sua ubiquidade, sua independência das bases e comunicações, em sua ignorância das características do solo, de áreas estratégicas, de direções e de pontos fixos. “Aquele que domina o mar desfruta de grande liberdade, e pode tirar muito ou pouco da guerra, como queira”: aquele que domina o deserto é igualmente afortunado. Cáfilas tão independentes como os navios podiam navegar com segurança ao longo da fronteira terrestre do inimigo, fora do campo de visão dos seus postos, ao longo da borda de cultivo, fazendo incursões ou assaltos em suas linhas quando o momento fosse oportuno ou mais rentável, contando sempre com uma retirada segura pela retaguarda, para um lugar em que os turcos não pudessem penetrar.

A melhor escolha sobre qual ponto desarranjar no organismo do inimigo vinha por meio da prática. A tática consistia sempre em atacar e correr; não em pressionar, mas em impactar. O exército árabe nunca tentou manter ou ganhar uma vantagem, apenas se afastava e voltava a atacar de novo em outro lugar. Usava a mínima força no mínimo tempo e na máxima distância. Continuar a ação até que o inimigo mudasse a sua disposição para resistir, seria quebrar o espírito da regra fundamental de nunca lhe oferecer alvos.

A velocidade e o alcance necessários eram conseguidos pela frugalidade dos homens do deserto, e por sua eficiência com os camelos. No calor do verão, os camelos árabes podem andar cerca de 250 milhas confortavelmente sem beber, o que representa três dias de marcha vigorosa. Este raio era sempre maior do que o necessário, pois os poços raramente ficavam a mais de cem milhas um do outro. As cáfilas equipadas para montaria tendiam à simplicidade mantendo, contudo, uma superioridade técnica sobre os turcos em alguns setores cruciais.

Chegavam do Egito enormes quantidades de metralhadoras leves, que não eram utilizadas como metralhadoras, mas como rifles automáticos, ferreamentas de franco-atiradores, por homens mantidos deliberadamente na ignorância dos seus mecanismos, de modo que a velocidade de ação não fosse prejudicada por tentativas de reparação. Outro instrumento especial eram os explosivos de alta potência, e quase todos os rebeldes eram qualificados por possuírem experiência em trabalhos de demolição.

Carros blindados

Algumas vezes as incursões tribais eram reforçadas por carros blindados, pilotados por ingleses. Os carros blindados, desde que encontrem uma via possível, podem ir ao passo de uma cáfila. Durante a marcha para Damasco, a quase quatrocentas milhas da base eram, primeiramente, abastecidos com o combustível transportado pelos camelos da caravana, e posteriormente pelo ar. Os carros são magníficas máquinas de combate, decisivas ali onde podem entrar em ação nas condições que lhes são propícias. Mas, embora carros e camelos cumprissem o princípio básico de “fogo em movimento”, seus empregos táticos eram tão diferen-

tes que seu uso articulado em operações se tornava muito difícil. Mostrou-se desmoralizante para ambos o uso conjunto da cavalaria blindada e da não-blindada.

A distribuição dos bandos nas incursões não era ortodoxa. Era impossível misturar ou combinar as tribos que não se gostavam ou desconfiavam umas das outras. Da mesma forma, os homens de uma tribo não podiam ser utilizados no território de outra. Em consequência, outro cânone da estratégia ortodoxa se quebrava. Ao seguir o princípio de máxima amplitude na distribuição da força, a fim de ter em mãos o maior número possível de incursões de uma só vez, acrescentava-se fluidez à velocidade usando um distrito na segunda-feira, outro na terça, um terceiro na quarta... o que reforçava em muito a mobilidade natural do exército árabe, dando-lhe vantagens incalculáveis, pois a força se renovava com homens descansados a cada nova região, e assim sua energia se mantinha intacta. De fato, a máxima desordem era seu equilíbrio.

Um Exército Indisciplinado

A economia interna dos bandos de combatentes era igualmente peculiar. A máxima irregularidade e articulação eram as metas. A diversidade jogava a inteligência do inimigo para fora dos trilhos. Quando os batalhões e divisões se organizam de forma regular e idêntica, permitem ao inimigo armazenar informação, até que finalmente possa prever a presença de um corpo²³ pela disposição das três companhias anteriores. Os árabes, mais uma vez, estavam servindo a um ideal comum, sem emulação tribal, e não podia se esperar deles nenhum *esprit de corps*.²⁴ Os soldados são transformados em casta por meio de pagamentos e recompensas em dinheiro, uniforme ou privilégios políticos; ou como na Inglaterra, tornando-os segregados, arrancados da massa de seus concidadãos. Existiram muitos exércitos alistados voluntariamente, mas poucos servindo voluntariamente em condições tão difíceis e numa guerra tão longa como a revolta árabe. Qualquer um dos árabes poderia ir para casa sempre que a convicção lhe faltasse. A honra era seu único contrato.

Consequentemente, o exército árabe não tinha disciplina, no sentido em que ela é restritiva, aniquilando a individualidade — o mínimo denominador comum dos homens. Em tempos de paz, nos exércitos regulares, a disciplina significa o limite de energia alcançável por todos os presentes: não é a busca de uma média, mas de um absoluto, um padrão 100% em que os 99 homens mais fortes são rebaixados para o nível dos piores. A finalidade é fazer da unidade uma unidade, e do homem um tipo, para que assim seu esforço seja calculável, seu rendimento coletivo do grão a massa. Quanto mais profunda é a disciplina, mais rasa é a eficiência individual e mais correto o desempenho. É um sacrifício deliberado de potencial, a fim de reduzir o elemento de incerteza, o fator bionômico, na humanidade alistada; e seu acompanhamento

²³ Termo militar. Parte geralmente essencial de uma força armada.

²⁴ Refere-se à moral de um grupo, designa a capacidade das pessoas para manter a crença em si mesmas e nos outros; sentimento de solidariedade cooperativa.

é, neste caso, a guerra social — essa forma de conflito em que o combatente deve ser o produto dos múltiplos esforços de uma longa hierarquia, que vai da oficina à unidade de suprimento que o mantém no campo.

A guerra árabe, reagindo contra isso, era simples e individual. Todo homem envolvido servia na linha de batalha e era autossuficiente. Não havia linhas de comunicação ou tropas de apoio. Parecia que nesta forma de guerra articulada, a soma dos rendimentos de cada um dos homens era, pelo menos, igual ao produto de um sistema composto de mesma intensidade, e seria certamente mais fácil adaptar-se à vida e aos costumes tribais — dadas a flexibilidade e compreensão por parte dos oficiais no comando. Para a sua própria sorte, quase todo jovem inglês carrega consigo as raízes da excentricidade. Eram apenas alguns, não havia mais de um inglês para cada mil árabes. Um número maior teria criado atrito, apenas porque eram corpos estranhos (pérolas se você preferir) na ostra: e aqueles que estavam presentes controlavam por influência e aconselhamento, por seus conhecimentos superiores, e não porque exerciam uma autoridade estrangeira.

A prática consistia, entretanto, em não empregar na linha de fogo um número maior do que a adoção de um sistema “simples” teoricamente permitia. Em vez disso, eles foram usados em revezamento: caso contrário, o ataque teria se tornado demasiado prolongado. Guerrilhas devem poder dispor de liberdade de espaço para a ação. Na guerra irregular se dois homens estão juntos um está sendo desperdiçado. A tensão moral da ação isolada torna esta forma simples de guerra muito difícil para o soldado individual, e exige dele uma iniciativa especial, resistência e entusiasmo. Aqui, o ideal era traduzir em ação uma série de combates individuais, para fazer das fileiras uma aliança bem sucedida de comandantes-em-chefe.²⁵ O valor do exército árabe dependia inteiramente de qualidade, não de quantidade. Seus membros tinham que se manter sempre calmos e auto-controlados, pois a emoção de uma luxúria sangrenta poderia prejudicar a sua ciência, e sua vitória dependia de um uso justo da velocidade, ocultação e precisão de fogo. A guerra de guerrilha é muito mais intelectual do que uma carga de baionetas.

A ciência exata da guerra de guerrilhas

Mediante cuidadosa persistência, mantida estritamente dentro dos limites de sua força e seguindo o espírito dessas teorias, o exército árabe era capaz, eventualmente, de reduzir os turcos a um estado de impotência, e a vitória completa parecia estar quase à vista, quando o General Allenby²⁶ deu um imenso golpe

²⁵ Comandante-em-chefe ou comandante-chefe. Comandante das forças militares de uma nação ou de um número significativo destas forças. Neste último caso, este elemento pode ser definido como as forças em determinada região, ou as forças que são associadas por uma determinada função em comum.

²⁶ Edmund Henry Hynman Allenby [1861 – 1936] foi um dos comandantes britânicos de maior sucesso da guerra, utilizando estratégias que ele desenvolveu a partir de suas experiências na Guerra Boer e na Frente Ocidental durante a Campanha Palestina de 1917–18. É considerado um precursor do uso tático da força concentrada em alta velocidade para quebrar as linhas inimigas.

na Palestina e lançou as principais forças do inimigo em uma confusão sem esperança pondo um fim imediato à guerra turca. Sua excessiva grandiosidade privou a revolta árabe da oportunidade de seguir até o fim a máxima de Saxe²⁷ de que uma guerra poderia ser ganha sem que fosse preciso lutar batalhas. Mas pode-se dizer, ao menos, que seus líderes trabalharam inspirados por ela, e que a obra perdurou. Este é um argumento pragmático que não pode ser totalmente desprezado. O experimento, embora não fosse completo, reforçou a crença de que a guerra irregular ou a rebelião poderia provar ser uma ciência exata, e um sucesso inevitável, dados determinados fatores e perseguidas algumas linhas.

Esta é a tese: A rebelião deve ter uma base inexpugnável, algo protegido não apenas do ataque, mas do medo dele: uma base como a que a revolta árabe tinha nos portos do Mar Vermelho, no deserto, ou nas mentes dos homens convertidos ao seu credo. Deve ter um inimigo estrangeiro e sofisticado, na forma de exército disciplinado de ocupação muito pequena, para cumprir a doutrina da extensão: muito poucos soldados para ajustar o número ao território, a fim de dominar eficazmente a área completa a partir dos postos fortificados. Deve contar com uma população amistosa, passiva, mas simpatizante até o ponto de não revelar os movimentos rebeldes ao inimigo. Rebeliões podem ser feitas com 2% da força ativa sempre que os 98% passivos simpatizem com a causa. Os poucos rebeldes ativos devem possuir as qualidades de resistência, de velocidade e ubiqüidade e contar com a independência das artérias de abastecimento. Devem contar, também, com a tecnologia necessária para destruir ou paralisar as comunicações organizadas do inimigo, já que a guerra irregular vem a ser aquilo que Willisen²⁸ definia como estratégia, “o estudo da comunicação”, em seu grau extremo, para atacar ali onde o inimigo não está. Em cinquenta palavras: dadas a mobilidade, a segurança (na forma de negar alvos ao inimigo), o tempo e a doutrina (a idéia de converter cada indivíduo em simpatizante e amigo), a vitória repousará ao lado dos insurgentes, pois os fatores algébricos são, ao final, decisivos, e contra eles as perfeições dos meios e do espírito combatem totalmente em vão.

Tradução do inglês de Lucélia Zamborlini e John Laudenberger

Revisão técnica e notas: Rafael D. Adaime e Ana Godoy

* Thomas Edward Lawrence foi oficial britânico, historiador e escritor. Nascido em 1888, foi um dos maiores heróis da I Guerra Mundial. Em 1916 juntou-se à revolta árabe contra o império otomano, e injetou nela um novo ânimo, contribuindo para a derrota dos turcos. Inspirado nessa experiência publicou *Os sete pilares da sabedoria*, adaptado ao cinema por David Lean como Lawrence da Arábia. O artigo acima, onde elabora a noção de não-batalha, foi considerado por Deleuze e Guattari “um dos textos mais importantes sobre a guerrilha”.

27 Maurice de Saxe [1696 – 1750] era um militar pragmático. Considerava que a parte “sublime” da guerra não tinha nem regras, nem princípios e nem certeza.

28 Karl Wilhelm Freiherr von Willisen [1790 – 1879] foi um general prussiano e teórico militar. Ressaltou o valor da surpresa, do golpe simulado e das marchas noturnas.



T. E. Lawrence